



Gilberto Freyre e Fidelino de Figueiredo

Gilberto Freyre and Fidelino de Figueiredo

ANTONIO DIMAS

USP



Resumo: O artigo apresenta e discute a relação entre Gilberto Freyre e Fidelino de Figueiredo, dois intelectuais com grande projeção acadêmica e mediática nos seus respectivos países. A base documental da investigação tem como base o arquivo epistolar de Fidelino de Figueiredo que se conserva na USP (FFLCH). Um exaustivo e minucioso estudo deste arquivo desvendaria uma parte importante do pensamento intelectual luso-brasileiro do século XX.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Fidelino de Figueiredo; Correspondência intelectual

Abstract: The article outlines and discusses the relationship between Gilberto Freyre and Fidelino de Figueiredo, two intellectuals with great academic and medial projection in their respective countries. The documental basis of this investigation is founded upon the epistolary archive of Fidelino de Figueiredo which is preserved through the USP and postulates a comprehensive and detailed study since it allows an insight into an important part of the Portuguese-Brazilian intellectual mindset of the 20th century.

Keywords: Gilberto Freyre; Fidelino de Figueiredo; Intellectual correspondence

Por mais de dez anos, Fidelino de Figueiredo (1888-1967) ensinou Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Depois de sua morte, Antonio Soares Amora, sucedendo-o na disciplina, encarregou-se de trazer para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP um conjunto formidável de cartas, em torno de 11 mil, que fazem parte da correspondência passiva do crítico português, hoje sob a guarda do Centro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (CECLLP) da FFLCH-USP.

Em meio a essa farta correspondência, há cartas e bilhetes de Gilberto Freyre (1900-1987), cujas relações intelectuais com Fidelino começaram quando o jovem estudante pernambucano, terminados seus estudos nos EUA, decidiu voltar ao Brasil, em 1922, passando antes pela Europa.

Percorrendo-as, de forma contínua ou em seus fragmentos, essas cartas gilbertianas dão-nos as primeiras impressões, os primeiros instantâneos, os primeiros desejos de quem se mostra disposto e ansioso por re-conhecer um país e uma região de onde se afastara anos antes, em 1918. Sujeito a um desencontro inevitável de emoções que ora o animam, ora o desanimam, Gilberto Freyre já rabisca nestas cartas ou bilhetes de recém-chegado alguns traços e preferências que haveriam de se tornar marcas de sua personalidade profissional, intelectual e pessoal, terreno que alimenta polêmicas até hoje. Em suma, trata-se de um

Gilberto Freyre em plena fase de formação, em plena fase de escolhas, diante de um leque o mais amplo possível de alternativas, no ardor intelectual de seus vinte anos.

Em janeiro de 1923, já em Lisboa, Gilberto apresentou-se a Fidelino, por carta e por intermediação de Oliveira Lima. Escrevia Gilberto:

Creio haver o meu querido amigo e mestre Dr. Oliveira Lima escrito a V. Excia. a meu respeito. Poderia V. Excia. fixar um dia em que fosse mais conveniente receber minha visita de admirador? (Lisboa, 20 jan. 1923).

Estabelecido o primeiro contacto, prossegue a correspondência entre ambos, alimentada, a princípio, pelas primeiras impressões de Gilberto sobre o Recife, de onde estivera afastado entre 1918 e 1922. Impressões que balançam entre a impaciência inicial com o provincianismo intelectual da cidade e o encanto com a natureza local ou o desencanto com as apressadas modificações urbanas:

Escrevo-lhe depois de precisamente um mês em Pernambuco. Foi uma alegria rever a família e os amigos e esta paisagem dos trópicos, cheia de cor. A cidade, esta está a perder o caráter, aquele seu ar de outrora, quando ela ria ao sol, com os seus azulejos. Os *parvenus* estão a fazer dela algo parecido às suas salas de visita – uma como cidade bric-à-brac, onde o luxo procura fazer as vezes do bom gosto. (Recife, 09 abr. 1923).

Muito perto de um passado próximo em que abusara do gozo acadêmico prolongado, mas mais perto ainda de um presente indefinido e diante do qual se mostrava receoso, o recém-chegado perambula por lembranças, debate-se na incerteza, amarga as saudades e sugere, em tom amolengado, que preferia rabiscos gráficos à expressão verbal:

Sinto-me muito só hoje e saudoso de camaradas distantes – nos Estados Unidos, em Oxford e aí em Lisboa o meu caro amigo, de quem não esqueço a gentileza e a conversa sobre assuntos que tanto me interessam.

Seguem uns retalhos de jornal. São estes artigos, como acabo de escrever ao meu também muito saudoso Oliveira Lima – cabungas que vou desenhando nas paredes deste meu quarto de prisioneiro. Felizmente o quarto tem uma janela escancarada para esta linda paisagem dos trópicos. (Recife, 14 ago. 1923).

Para não se mostrar de todo indiferente às ocorrências intelectuais de sua cidade, Gilberto avançava algumas opiniões que a desabonam, ao mesmo tempo em que ressalva nomes que, de fato, vieram a marcar presença na cultura brasileira:

Meu caro amigo:

Acabo de receber seu cartão e exemplares da circular. Seria supérfluo adverti-lo quanto à qualidade de 9/10 ou mais da literatura que em Pernambuco atualmente se produz. Enviarei exemplares a escritores de estados vizinhos: o dr. José Américo de Almeida da Paraíba e o dr. Leonardo Mota, folclorista, do Ceará. São ambos interessantes. Em Pernambuco os espíritos mais finos (refiro-me a pernambucanos aqui fixados) não são autores de livros. Exemplo: o diretor do “Diário”, dr. Carlos Lyra Filho. Existem porém alguns trabalhos de certo interesse como os do dr. Pereira da Costa – historiador e folclorista. (Recife, 18 set. 1923).

Aos poucos, o tom confessional e o fastio pessoal vão cedendo lugar a interesses mais profissionais, índice do ajustamento gradativo de Gilberto às solicitações de seu ambiente. Evidência disso é uma carta de 12 de maio de 1924, onde o futuro autor de *Casa Grande & Senzala* convida Fidelino de Figueiredo para colaborar no número comemorativo do centenário do *Diário de Pernambuco*, cuja organização estava a cargo de Gilberto e que ficou conhecido, mais tarde, como o *Livro do Nordeste* (1925), item ainda mal estudado da bibliografia do sociólogo pernambucano. Tratava-se de convite pontual para que o artigo fosse dedicado às *relações luso-brasileiras* no último século:

Diário de Pernambuco
12 de Maio de 1924
Comemoração do Centenário
1825-1925

Meu amº e mestre:

Volto hoje a falar do assunto a que fiz referência no cartão de outro dia: sua colaboração no livro do centenário do “Diário de Pernambuco”. O assunto a versar seria “Um século de relações luso-brasileiras” (1825-1925). Seria um estudo de 10 a 12 mil palavras, pelo qual o jornal pagaria ao ilustre amigo 150\$. Para o “Diário” seria grande honra sua colaboração neste livro; e também para Portugal, sua representação. Estima-ríamos – os organizadores do livro – recolher toda a colaboração antes de Outubro deste ano; e os artigos devem vir acompanhados do retrato e notas biográficas do autor. Oliveira Lima, velho colaborador do “Diário” escreverá sobre “Um século de relações internacionais” e Solidônio Leite sobre “Historiadores do Nordeste”.

Sua resposta favorável, repito, será para todos nós um motivo de honra e para mim, além de honra, de especial e íntimo prazer, pois sabe que muito o quero e admiro.

Creia-me o amº e adm. de sempre

Gilberto Freyre.

Meses depois, acusando o recebimento do artigo, Gilberto observa que Fidelino havia salvo “o assunto do oficialismo e da banalidade!” (Recife, 03 out. 1924).

O próximo bilhete aparece apenas no ano seguinte e nele Gilberto Freyre desculpa-se pelo atraso da resposta, alegando que estivera fora de Recife uns tempos, mas que voltava muito disposto, no entanto, a retomar o “trabalho ligado à edição comemorativa do centenário do *Diário*, já em composição” (Recife, 03 jun. 1925). O centro aparente deste bilhete rápido é o agradecimento pelo envio de uma foto de Fidelino de Figueiredo que serviria de ilustração para o artigo “Um século de relações luso-brasileiras”. No entanto, desfaz-se essa centralidade quando, linhas depois, em comentário parentético e de aparência acidental sobre a zona sertaneja onde estivera, Gilberto Freyre antecipa preferência futura, que também lhe custaria longas polêmicas e muito nariz torcido: o sertão não lhe interessa. Devagar, tomava corpo a escolha territorial que haveria de merecer os cuidados sociológicos, históricos, ecológicos e antropológicos do estudante recém-chegado. A agressividade daquela natureza já não constava de sua preocupação intelectual. Seu assunto já era, por exclusão, a região litorânea do Nordeste. “Depois desses dias meio-selvagens no ‘sertão’, – confessa Gilberto – onde a paisagem de chique-chiques e cardos é tão dura, tão angulosa e mística – estou diante do muito trabalho que se acumulou...” (Recife, 03 jun. 1925).

Poucos anos mais tarde e já depois da publicação de *Casa Grande & Senzala* (1933), essa preferência ganharia explicitação indiscutível, banhada em forte traço de sensualidade e de pictorialismo deliberado. Em *Nordeste*, que é de 1937, a exclusão se faz por declaração de amor deslavada. Segundo Gilberto Freyre, há que se considerar a existência de dois Nordeste. Um deles evoca a morte e o contorno trágico da figuras de El Greco ou de D. Quixote. É o Nordeste seco, de “sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol.” (Freyre [1937] 1961: 5). O outro, o que mais lhe apetece, é úmido, litorâneo, quase promiscuo, e aquele com o qual o autor desenvolveu um relação de forte intimidade, resvalando pelo sado-masquismo.

Esse Nordeste da terra gorda e de ar oleoso é o Nordeste da cana-de-açúcar. Das casas-grandes dos engenhos. Dos sobrados de azulejo. Dos mucambos de palha de coqueiro ou de coberta de capimaçu. O Nordeste da primeira fábrica brasileira de açúcar – de que não se sabe o nome – e talvez da primeira casa de pedra-e-cal, da primeira igreja no Brasil, da primeira mulher portuguesa criando menino e fazendo doce em terra americana; do Palmares do Zumbi – uma república inteira de mucambos. O Nordeste que vai do Recôncavo ao Maranhão, tendo o seu centro em Pernambuco. (Freyre [1937] 1961: 6).

Região, cuja fertilidade não impediu, antes precipitou e intensificou, o “drama regional de monocultura latifundiária e escravocrática, semelhante, em suas formas, a outros dramas regionais de monocultura latifundiária e escravocrática.” (Freyre [1937] 1961: xxiii)

Depois da repercussão das páginas que comemoravam o centenário do *Diário de Pernambuco*, estreitou-se o contacto entre Gilberto e Fidelino, a ponto de haver espaço para confidências em que se misturavam o pessoal menos precipitado e o profissional. Dois momentos altos dessa fusão, onde o desânimo também se misturava com entusiasmo mal contido, vêm dos Estados Unidos, para onde Gilberto voltara em 1926 e 1931. Em 1926, como jornalista; em 1931, como vítima do getulismo ascendente

Em 1926, Gilberto Freyre viajou a Washington, D.C., para representar o *Diário de Pernambuco* no “Congresso Panamericano de Jornalistas”:

May 3, 1926

a/c Dr. Oliveira Lima
3536 Thirteenth Sreet, N. W
Washington, D. C.

Meu querido amigo:

Um abraço. O nosso querido Oliveira Lima acaba de mostrar-me sua carta, na qual há referências ao meu silêncio. De fato, o último ano que passei em Pernambuco,

passei-o isolado, mesmo das minhas melhores amizades epistolares. Muitas delas – as inglesas, por exemplo – cortei-as logo nos começos da minha vida tropical.¹ Creio aliás que com os trópicos estou identificado; e lá afinal, apesar de todas as dificuldades para uma vida intelectual e de estudo, é que quero viver. Provalmente [sic] será sempre uma vida a minha, como até aqui, de vontade sempre em crise, duvidosa do “vale a pena” de qualquer esforço longo, incapaz de grandes realizações e até vendo nelas mais o traço caricaturesco que os seus contornos harmônicos. Direi sem modéstia – porque sei que possuo inteligência e outros elementos que concentrados poderiam dar obra de certo valor – que o meu destino é ser a “magnificent failure” dos ingleses. O “magnificent” dá à tristeza da palavra “failure” certo sabor. Poderia ficar nos Estados Unidos, mas para que se aqui sentiria sempre o vazio ou o cinzento da paisagem e da vida em vários aspectos? Um lugar de 250 dólares foi-me oferecido em N. Y. Lugar numa revista. A áurea tentação dançou um momento diante dos olhos mas logo lhe senti, ou julguei sentir, o postigo dos encantos. Um tropical há de ser tropical. Desculpe esta página e meia a falar de mim. Confio sempre na sua “indulgência cristã”. Pergunta o meu amigo pela possibilidade de sua colaboração no “Diário”. Devo dizer-lhe que me foi oferecido o lugar de redator-chefe – o que é ainda confidencial – daquela folha. Assumindo-o eu, a honra de sua colaboração será logo solicitada e remunerada da melhor maneira possível. Aqui estou, com este casal Oliveira Lima tão brasileiro a [sic] moda antiga na hospitalidade, passando alguns dias de boa amizade e boas conversas, e ao mesmo tempo fazendo alguns estudos na Biblioteca Oliveira Lima. Muito desejaria dar um salto a Portugal e a [sic] Espanha. Veremos se isto é possível. Abraça-o, certo da sua indulgência e consciente

do pecado próprio o Gilberto Freyre.

Em 1931, a situação pessoal de Gilberto era bem outra. Estava na Universidade de Stanford, na Califórnia, para onde o tinham empurrado os ventos da Revolução de 30. Daí, talvez, uma brevíssima referência à idéia de suicídio e o tom de balanço provisório de atividades, de currículo indisfarçável, que esta carta de 25 de abril de 1931 contém:

Stanford University
Department of History

April 25th 1931
Stanford University, California

Querido amigo:

Não sei se já lhe terá chegado às mãos o galhardete. Já seguiu. Receba-o com os meus cumprimentos e

¹ Em 1928, Gilberto Freyre escrevia para Estácio Coimbra, admitindo que “há muito tempo que não escrevo carta. Rompi há quase 2 anos com as minhas últimas relações nos Estados Unidos e Europa, donde entretanto continuo a receber carta.” – Gilberto Freyre (1978). *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Sel., org. e intr. de Sylvio Rabello. Pref. de Josué Montello. Brasília: MEC – Conselho Federal de Cultura, 103.

como lembrança desta casa, onde o nosso inesquecível amigo comum Oliveira Lima deixou um pouco de si mesmo. Da fotografia já vi as provas, e já escolhi a que deve ser usada. Irá breve como lembrança menos do desagradável quarto de hora na casa do retratista do que dos outros momentos, curtos embora, de agradável convivência. Da sua conferência ainda se fala. Fez um grande admirador no Martin, Percy Alvin Martin, professor de história, um estudioso apaixonado das cousas hispânicas, do Brasil com especialidade. Para mim, pessoalmente, o assunto foi de muito interesse. Não morro de amores pelo Unamuno mas Ganivet é um dos meus grandes, um dos meus profundos entusiasmos, e há seis ou sete anos, quando ainda escrevia na minha areia de praia provinciana, escrevi umas notas sobre essa grande alma de espanhol. Eu andava então todo interessado em animar na minha gente um espírito local, regionalista, um provincianismo criador, sem prejuízo do sentimento mais largo, brasileiro, e até hispânico, e quando descobri Ganivet por mim mesmo, pois nunca vira referência nenhuma a ele em português, foi uma alegria enorme. Tenho quasi tudo dele, menos a correspondência completa com Unamuno e “Granada la Bella”. Tenho as cartas de Finlândia, o Epistolário, o Idearium, o Escultor de sua alma, o Conquistador, etc. Livros mais recentes sobre Ganivet que me possa indicar, ficarei gratíssimo. É um dos meus grandes cultos. Seu suicídio é talvez o único que já me fez pensar na possibilidade (muito remota) do suicídio. Em Unamuno não me encontro tanto como em Ganivet embora dos dois seja o de Salamanca o mais artista, o mais colorido e plástico na expressão quando devia ser – não lhe parece? – o de Granada la Bella, criado e nascido num ambiente de muito mais beleza e cor. No exílio meu ganivetismo inda mais se aguçou; de modo que pode imaginar com que prazer ouvi falar dele, e por quem? Por quem tem o “gênio da interpretação”. Fiquei encantado com a possibilidade de poder visitar o México. Sobre o assunto como lhe disse já tinha escrito a Ronald. Mas isso há de levar tempo. Ficarei agradecidíssimo ao querido amigo por quanto puder fazer no sentido de facilitar minha ida ao México, depois que termine aqui o meu curso de história social do Brasil, a 10 de Junho. A história social e econômica da família brasileira, particularmente, nos últimos anos, a influência social da cultura do açúcar na vida brasileira – cultura, moral, tendência de governo, etc, tem sido o meu principal objeto de estudo, possuindo a respeito muitas notas. Sobre minha vida acadêmica: tenho os títulos de B.A. e M.A., (isto é Mestre), tendo me formado na faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Columbia, onde tive por mestres, entre outros, o sociólogo Giddings, Franz Boas (antropologia), Selligman, (economia), John Dewey (filosofia), Fox (história social da América) etc. Estive depois em Oxford, na Inglaterra, onde andei aperfeiçoando meu inglês; viajei em seguida pela Alemanha, Bélgica, França, Espanha, Portugal. Em 1926 estive novamente nos Estados Unidos, tendo feito pesquisas (research work) na Brasileira do Oliveira Lima (que estreava em 1922, quando escrevi

meu trabalho “Social Life in Brazil in the middle of the 19th century”) e nas Bibliotecas do Congresso, em Washington, e de New York. No Brasil tenho feito pesquisas nas bibliotecas e arquivos do Estado, em Pernambuco, conventos, Instituto Histórico [e] Geográfico Brasileiro, etc. Fui redator do *Diário de Pernambuco*, o mais antigo da América Latina, tendo organizado a grande edição comemorativa do seu 1^o centenário em 1925. Fui depois diretor da *A Província*, juntamente com o dr. José Maria Bello, conhecido crítico e escritor brasileiro. Por ocasião do centenário do nascimento de D. Pedro II, fui o escolhido pelo Estado de Pernambuco para falar sobre o grande imperador dos brasileiros. (Conferência publicada: *A propósito de D. Pedro II*. Tenho colaborado em revistas – Revista do Brasil (S. Paulo), Revista do Brasil (2^a fase, Rio), Revista do Norte (Pernambuco), Stratford Review (Boston), Hispanic American Historical Review (Baltimore) e no *O Jornal*, Rio, etc. Fui agora na Europa convidado para colaborar em *Nouvelle Age* (Paris), e nos Estados Unidos na “*American Mercury*”, N. Y. Fui também colaborador da revista de Sardenha, *Nação Portuguesa*. Tenho um poema publicado (edição de 20 exemplares) – Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados. Era ultimamente professor de Sociologia da Escola Normal do Estado de Pernambuco e secretário do governo do mesmo Estado. Sabe que não sou reclamista, ao contrário um provinciano acanhado. Sabe que isso não vai como reclamo. Um abraço do am^o ador.

Gilberto.

Entre a carta de janeiro de 1923 e esta de abril de 1931, dera-se, em Lisboa, o encontro pessoal de Gilberto Freyre com Fidelino de Figueiredo, bem no início de 1923.

Em suas memórias, o autor de *Casa Grande & Senzala* recupera esse primeiro contacto, para o qual fora equipado com apresentação de Oliveira Lima (1867-1928), o conterrâneo que lhe deu muita retaguarda para ingressar no universo da sociabilidade intelectual de então. Nessa rápida passagem por uma Lisboa que fervia do ponto de vista político, agoniada com o crescente fracasso da experiência republicana de 1910, Gilberto Freyre foi apresentado a Antonio Sardenha (1887-1925), defensor da restauração monárquica em Portugal e o principal ideólogo do Integralismo local. Se esse relacionamento não prosperou foi porque Sardenha faleceu precocemente, em janeiro de 1925, no mesmo ano em que Gilberto Freyre se preparava para organizar o número comemorativo dos 100 anos do *Diário de Pernambuco*, por incumbência de Carlos Lyra, diretor daquele jornal.

Esse precioso exemplo de levantamento sistemático de uma cultura regional, modelado sob diretriz panorâmica e multidisciplinar, ficou conhecido como o *Livro do Nordeste* e se tornou, com o tempo, uma espécie de passaporte abalizado para o ingresso de seu organizador

no sistema intelectual brasileiro, pouco antes de sua estréia em livro, em 1933.

Pelo memorialismo de Gilberto Freyre, vê-se que a contribuição de Fidelino de Figueiredo e de Antonio Sardinha já estava planejada para esta edição especial do *Diário de Pernambuco*. Entre os quatro itens principais desse plano, o segundo refere-se a “O Brasil nos últimos 100 anos – especial interesse ao desenvolvimento social, econômico e intelectual e artístico”. Neste tópico, Gilberto pensava incluir a contribuição de alguns brasileiros como Oliveira Lima, Gilberto Amado, Assis Chateaubriand, Oliveira Viana etc, e de três portugueses: Fidelino de Figueiredo, João Lúcio de Azevedo e Antonio Sardinha. (Freyre 1975: 150).

Dois anos antes de realizar esse projeto comemorativo para o *Diário de Pernambuco*, Gilberto Freyre rememorava seus primeiros contactos com o Integralismo português, apressando-se em nos prevenir, no entanto, de que “Não se deve confundir o Integralismo português [...] com o algum tempo depois surgido no Brasil com o mesmo nome e orientação diferente.” (Freyre 1970: vol. 1, 278).

Nessa mesma crônica de juventude, publicada pelo *Diário de Pernambuco* em 1923 e pouco depois de seu retorno definitivo ao Brasil, portanto, Gilberto Freyre explicava:

Estive em direto contacto com “Integralistas”, isto é, monárquicos “d’avant garde”, e com os homens da *Seara Nova*, que são a “ala dos namorados” – para usar de novo frase histórica – da democracia livre pensadora de Portugal. Há, entre estes, indivíduos de notável talento: ao Sr. Câmara Reys e ao Sr. Antônio Sérgio tive o fino prazer de conhecer pessoalmente. Cuido, porém, que só o observador desequilibrado pela mais rasgada parcialidade de sentimento negaria à ala oposta, aos antidemocratas, o encarnarem, neste momento, a melhor inteligência e a maior bravura de ação portuguesa. Os Srs. Fidelino de Figueiredo, Conde Monsaraz, Antônio Sardinha e Afonso Lopes Vieira bastariam, isolados, para dar ao grupo antiliberal sumo prestígio, sob todos os pontos de vista.

O movimento antiliberal português, longe de ser puro *esprit de minorité*, é um esforço consciente de reintegração nacional. A reintegração do país no seu caráter e nas suas tradições, desfiguradas por uma como espessa camada de cem anos de constitucionalismo acaciano e, ultimamente, de delírio demagógico. (Freyre 1970: vol. 1, 277)

Não cabe neste curto artigo a discussão sobre esse entusiasmo momentâneo de Gilberto Freyre com o Integralismo português, corrente em que apreciava, sobretudo, o apego ao passado e o “amor à tradição”, motivações históricas defendidas também, naquele

momento, por Oliveira Lima.² Cabe apenas a lembrança desse breve namoro da parte de um jovem que montava seu quadro de referências intelectuais e ideológicas, ao vivo, no contacto direto e sem preconceito, depois que montara os intelectuais e teóricos nas universidades norte-americanas de Baylor e de Columbia, um pouco antes.

A pesquisa deste acervo e da epistolografia gilbertiana é ainda muito incipiente e, por conseguinte, ainda cheia de surpresas. Basta lembrar, por exemplo, que na catalogação inicial do acervo de Fidelino de Figueiredo, hoje na nossa FFLCH, constavam cerca de 90 caixas recheadas de documentos. Pouco depois, verificou-se a existência de outras 40, deslocadas do conjunto inicial. Gilberto Freyre é apenas um dos nomes relevantes que jaz nesse conjunto documental em lento processo de catalogação técnica.

Se tão poucos itens dessa correspondência já permitem o desenho de decisivas atitudes futuras na formação desse intelectual de Pernambuco, é lícito supor que o desvendamento desse material, cuidadosamente processado e investigado, possa contribuir mais ainda para o alargamento e aprofundamento das relações culturais entre Brasil e Portugal, na primeira metade do século 20.³

Referências

FREYRE, Gilberto *Nordeste. Aspectos da influência da Casa sobre a vida e paisagem do Nordeste do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. [1. ed.: 1937].

FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz*. Vol. 1. Org. de J. A. Gonalves de Mello; Pref. de Nilo Pereira; Intr. do A. São Paulo/Brasília: IBRASA/INL, 1970.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

Recebido: 10 de janeiro de 2011
Aprovado: 15 de março de 2011
Contato: andimas@uol.com.br

² Mas cabe, por outro lado, a lembrança de que esta aproximação inicial foi-me sugerida por Daniel Melo, do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, e por Cláudia Castelo, do Instituto de Investigação de Ciência Tropical de Portugal, em agradável jantar lisboeta, em junho último. Ao simpático casal, portanto, os meus agradecimentos pela amistosa troca de informações que nos interessam.

³ Em versão mais curta, este artigo saiu, antes, com outro título (“De Gilberto Freyre para Fidelino de Figueiredo”) em *A presença de Castello*. Org. por Edilene Matos, M. Neuma Cavalcante, Telé A. Lopez e Yêda D. Lima. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP/IEB, 2003, 125-132.